

A Fiesp cada vez mais política

RIVALDO CHINEM

A pirâmide deixa os números e a política. Maior entidade empresarial da América Latina, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) transforma-se a cada dia no centro irradiador das discordâncias. Naquele edifício em forma piramidal que vai da avenida Paulista até a Alameda Santos, pode-se perceber uma atuação política cada vez mais incisiva. Durante a semana, por exemplo, seu presidente propôs um plebiscito nacional para que o povo se manifestasse sobre a duração do mandato presidencial.

Valendo-se da máxima de que "a Fiesp é mais importante que muito ministério", Mário Amato, presidente da entidade, propôs a convocação de um plebiscito. Foi numa reunião do Fórum Informal, organização que representa o empresariado paulista, responsável por 50% do Produto Interno Bruto (PIB) convocada extraordinariamente para receber o governador de Alagoas, Fernando Collor de Melo.

O ministro-chefe da Casa Civil e espécie de porta-voz do presidente José Sarney, Ronaldo Costa Couto, evocou a Grécia antiga para responder ao presidente da Fiesp: "O ideal seria ouvir o povo todos os dias, como se fazia na Grécia antiga. Mas

isso hoje é impossível". Em seguida, lembrou a dimensão continental do País para reforçar seu argumento: "Acho impraticável uma consulta popular num país como o Brasil, hoje com 140 milhões de habitantes. O povo já manifestou sua vontade quando elegeu os constituintes, que estão decidindo o futuro do País".

Com a instalação da Assembleia Nacional Constituinte, a atuação política da Fiesp tornou-se mais incisiva. A entidade empresarial montou em Brasília um escritório de assessoria parlamentar, que se dedica a estudar as propostas e enviar pareceres a todos os constituintes. O coordenador dos trabalhos é o vice-presidente Carlos Eduardo Moreira Ferreira, que afirma: "Procuramos verificar as aspirações e a evolução dos trabalhos da Constituinte, e levamos aos parlamentares a preocupação do empresariado, da mesma forma que fazemos o trabalho inverso, ou seja, trazemos de volta o que lá está acontecendo. Fazemos o meio-campo".

A Fiesp é uma espécie de central sindical do capital. E não é exagero, porque a Fiesp abriga em seus 111 sindicatos cerca de 90% do empresariado paulista, ou 41% da indústria brasileira, um percentual capaz de ganhar qualquer eleição e governar com plenos poderes. Além disso, fun-

ciona no mesmo prédio piramidal o Centro Industrial do Estado de S. Paulo (Ciesp), sociedade civil que reúne mais de dez mil empresas, e não sindicatos patronais, que na prática se mistura com a Fiesp ao partilhar com ela presidente, vices e diretores.

Medidas econômicas e grevas são as novidades que frequentam cada vez mais os assuntos em pauta na Fiesp. E na mesma medida também há reuniões com ministros, funcionários governamentais e delegações estrangeiras. Na quinta-feira, após reunir-se com o ministro da Fazenda, Malson da Nobrega, em Brasília, o presidente da Fiesp afirmou que a solução dos problemas econômicos brasileiros passa pela solução dos problemas políticos.

"A demora na Constituinte — observa o vice-presidente Carlos Eduardo Moreira Ferreira — faz com que se crie uma sensação de vazio. A indústria fica estagnada, é grande a preocupação em investimento. Ninguém sabe que tipo de posição será adotada em relação à empresa nacional, a importância sobre o capital estrangeiro, a moderna tecnologia, sobretudo com relação aos problemas de natureza social."

A proposta de se realizar plebiscito foi manifestada pelo presidente

da Fiesp sem consulta à entidade. Moreira Ferreira diz, no entanto, que nem era preciso, pois Amato representa uma espécie de caixa de ressonância da entidade: "O presidente é uma espécie de eco dessas preocupações. Não tinha debatido de maneira ampla aqui dentro, mas manifestou o sentimento dele, o da insegurança que o empresariado vive".

Esse tipo de manifestação não surpreendeu ninguém na Fiesp. Filho de alfaiate que começou do zero para se tornar o poderoso dono de um império industrial composto de empresas como Springer, National do Brasil, Holstein-Kappert e Goliana, Amato não é exatamente o tipo do empresário paulistano, de família tradicional. Filho de imigrantes italianos, trafeja com muita desenvoltura nos meios empresariais e costuma conter os ânimos, não sem antes ouvir todos os grupos.

"A Nação não pode ficar perplexa e estagnada" — afirma Moreira Ferreira. "Podemos cair no buraco negro, o vazio institucional, pois 67% dos constituintes são parlamentares de primeiro mandato, e isso atrapalha: muitos até contrataram regimentalistas para que os assessorassem no dia-a-dia. Mas isso faz parte da democracia. O impasse, no entanto, é nefasto para todos. Queremos uma saída."